



HEITOR JOSÉ PANDOLFO

UMA TRAJETÓRIA DE MUITA
LUTA, AMOR E FÉ
AUTOBIOGRAFIA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Certos livros, assim como os bons vinhos, envelhecem bem. Folhear as páginas de uma autobiografia bem escrita, pode ser tão prazeroso quanto apreciar uma taça do melhor vinho. Com a leitura atenta dessa dedicada obra, podemos, enfim, conhecer a trajetória de vida do Sr. Heitor José Pandolfo, um homem simples, amado por sua família, admirado pelos amigos e vencedor por natureza. Qual será o seu segredo? Bem, o leitor terá que descobrir nas entrelinhas do livro e, assim, mergulhar na alma identitária desse personagem real, e não fictício. Se o jocoso ditado popular descreve como livro aberto todas as pessoas bem resolvidas e fraternas, creio que essa autobiografia revelará, de forma palpável, a trajetória de luta,

A close-up portrait of an elderly man with a mustache, looking directly at the camera. He is wearing a light-colored, vertically striped shirt. The background is dark and out of focus, with some decorative elements visible.

**HEITOR JOSÉ
PANDOLFO**

UMA TRAJETÓRIA DE MUITA

LUTA, AMOR E FÉ

AUTOBIOGRAFIA

**HEITOR JOSÉ
PANDOLFO**
UMA TRAJETÓRIA DE MUITA
LUTA, AMOR E FÉ
AUTOBIOGRAFIA

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 28/09/2017

P189t Pandolfo, Heitor José

Uma trajetória de muita luta, amor e fé [recurso eletrônico] : autobiografia / Heitor José Pandolfo.

– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

10,5 Mb. ; PDF.

ISBN 978-85-8326-376-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Narrativas pessoais.
3. Autobiografia. Título.

CDU: 869.0(81)-94
929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Várias pessoas, quando contava minha história, diziam: “Por que você não escreve um livro?”

A juventude de hoje não acredita que a gente passou tanto assim....

Estou me sentindo bem porque nunca imaginei que isso aconteceria comigo. Agora ele está aí!

PREFÁCIO

Ao meu querido companheiro, Heitor!

São tantos anos de convivência... Quase sessenta e sete, sendo sessenta e cinco de casados e dois e meio de namoro.

Foram muitas batalhas, decepções e crises financeiras que juntos enfrentamos, mas sempre recomeçamos!

Nunca nos faltou fé e esperança. Construimos nossa família e hoje temos tudo, graças a Deus, para viver o tempo que nos resta ao lado de nossos filhos, noras, netos e bisnetos. E que sejam, dentro do possível, felizes momentos!

Você sempre fala como é bom ficar velho. E eu te digo: como é bom estar ainda ao teu lado!

Maria, esposa

Nesse momento tão importante da vida, meu pai compartilha com todos a história e a emoção que marcaram sua trajetória com honestidade, perseverança, muito trabalho e imensa vontade de viver.

Adalberto, filho

Minha memória está povoada de lembranças fortes e doces desde a minha infância. Os móveis de casa, as mesas, cadeiras, armários....a caixa de lenha do fogão; todos eles feitos pelas mãos do meu pai em seu tempo livre à noite ou nos finais de semana.

Nesses móveis estavam as toalhas, crochês, panos de prato, assim como todas as nossas roupas feitas pelas mãos da minha mãe em sua máquina de costura.

Essas memórias preciosas são as vivências da minha construção como ser humano.

Adriana, filha

Nessa ocasião em que recebemos a homenagem do nosso pai, deixamos algumas palavras de gratidão.

Começo agradecendo por ter me dado amor e por todas as virtudes que tu plantastes e fizestes crescente dentro de nós. Sou feliz pelos teus ensinamentos e pelas belas histórias que nos conta com tanta emoção.

Fomos abençoados com os teus exemplos de força e fé, os quais irão estar em nossas memórias para sempre.

Querido pai, eu te amo! Muito obrigado por dar ainda mais vida à minha vida!

Adroaldo, filho

CAPÍTULO I

EU NASCI

Nasci no dia dezenove de março de 1925 na localidade de Linha Nona, pertencente a Serafina Corrêa, próximo à Capela São Luiz. Minha mãe, Carolina, teve o parto em casa com a ajuda de uma parteira, como era o costume da época. Sou o filho mais velho de três irmãos: Alcides, Silvestre (em homenagem à data de seu nascimento, 31.12.1928) e Quintina, a qual faleceu aos 33 anos de idade.



Nossa mesa de refeições media cinco metros e meio: em uma ponta ficava nossa família e na outra ficavam meu avô paterno, Ângelo; minha avó paterna, Teresa; tio Quarto; tia Catarina e seus sete filhos. Virgínia, Olga, Sunta, Ângelo; Antônio; Quintino (faleceu com quatro anos de apendicite estourada - vi ele morrer em cima da cama da sua

mãe); e outra prima. A tia Catarina gostava muito de mim porque eu fazia as gaiolas, com sobra de madeira, para as galinhas.

Comíamos, basicamente, polenta, muita sopa de feijão, feijão com arroz e galinha com massa. Tínhamos duas festas por ano: uma na Capela São Luiz e outra no Natal, quando comíamos bolachas caseiras preparadas pela tia Catarinona e primas. Essas bolachas eram o nosso presente.

Brincávamos muito de carrinho de lomba. Eu fazia as rodinhas com facão porque a serra era muito larga e não fazia a volta. Tínhamos tempo para brincar aos sábados e domingos, porque com sete anos eu já estava na roça. Tenho na cabeça metro por metro da estrada que ia até a roça. Ajudava a carpir, a semear trigo, a colher milho. Mesmo em dias de geada continuávamos a trabalhar com pés descalços. Trabalhávamos todos juntos. O café era lá pelas 9:00, levado pela mãe ou primas. O cardápio era queijo, salame frito, polenta sapecada na boca do fogão com ovo (era coisa mais boa!) café e leite, mas tio Quarto tomava vinho. Ele gostava muito de vinho e, nos finais de semana, o porre era sagrado (boas risadas). Produzíamos três pipas de 800 medidas (mais ou menos quatro garrafas).

Voltávamos para almoçar ao meio-dia, refeição preparada pela tia Catarina que, por essa razão, não ia para a roça. Lá pelas duas horas voltávamos para a lida e ficávamos até o pôr-do-sol, mas minha mãe voltava antes para tirar leite das vacas. O lanche da tarde era, praticamente, só laranjas, o que tínhamos bastante. Banho tomávamos às quartas e aos sábados em um tanque de quatro metros. No dia a dia lavávamos os pés e o mais necessário. Nossa janta era, sobretudo, polenta, queijo, salame, manteiga e nata com pão caseiro. Depois da janta, minha mãe ia rezar conosco e íamos dormir, lá pelas 22:00. No outro dia, entre 6:30 e 7:00 já estávamos de pé.

Só íamos à escola quando chovia. Ficava perto da igreja. Porém, próximo do encerramento do ano, íamos mais seguido, em função da avaliação final. Eu gostava de ir na escola. O que nós brincávamos....

O caminho até a missa em Serafina era feito a pé. Depois da missa íamos no bodegão que tinha em frente e comprávamos bombinhas e doces. Na volta, dê-lhe bombinhas pela estrada (risos). Às 15:00, desde que não estivesse chovendo, tinha terço na Capela São Luiz. Depois do terço íamos caçar, pescar, jogar bola e Heitor era sempre o capitão, o que tomava a dianteira (risos).

Jogávamos bola no potreiro, descalços, e, quando era época das rosetas, elas entravam e não furavam a sola do pé, tamanho cascão que se formava. Eu queria ser jogador de futebol. Tínhamos um time de futebol. Meu irmão Alcides e eu éramos zagueiros (risos). Quando tinha festa em outra capela, Nossa Senhora do Caravaggio, Linha Nona, 3km adiante da nossa propriedade, mesma estrada que vai à cidade de Vila Oeste, que felicidade! Churrasco e cuca.

Também tínhamos muita plantação de noqueira. Dava 800 a 1000 kg por ano. Eu não via a hora de que as nozes viessem maduras para comer. O que comi de nozes... Deus me livre!

Quando eu tinha cinco anos, meu pai adoeceu. Lembro que falavam que ele tinha dor no fígado. Foi consultar em Lajeado e Estrela. Vi, muitas vezes, minha mãe chorando pelos cantos da casa. Ele também era o filho predileto da minha avó. Eu ficava sempre na janela, esperando pela volta dele. Lembro de uma cena em que ele voltava do médico de Serafina: amarrou o cavalo no galpão, deu milho para ele e me entregou doces. Só que, dessa vez, ele não voltou. Achei que era por causa da chuva...

A cirurgia foi realizada pelo médico de Lajeado que nada encontrou. Nosso vizinho, e meu padrinho, Eliseu, estava acompanhando meu avô. Contavam que escorria sangue no chão. Ele ficou quatro horas na mesa de cirurgia. Segundo eles, o médico jogava os instrumentos contra as paredes, dizendo que estavam errados. Meu avô disse que, se estivesse com um revólver, teria matado o médico.

A notícia da morte dele foi dada por uma prima que morava perto da Capela, pois na escola tinha telefone. Ela era filha do professor, Vitório Zanbenedete, e na escola tinha telefone. Também vieram os primos Ângelo e Antônio. O desespero foi total! Ele foi enterrado em Estrela mesmo. Não sei porque não foram buscá-lo. Acho que se amava muito esse casal... (olhar profundo)

Às vezes via amigos no encerramento da aula com os pais e o meu não estava... A gente sentia falta, né?

CAPÍTULO II

UM NOVO CICLO INICIA

Em março de 1940 fiz 15 anos e em setembro, desse mesmo ano, mudamos de casa, pois minha mãe conheceu, por intermédio de meu padrinho, Eliseu, um homem chamado Augusto Malfatti. Estávamos na torcida para mãe encontrar alguém. Aí estava nossa esperança de termos dias melhores.



Da esquerda para a direita: em pé, eu, Quinta, Alcides e Silvestre, irmãos; à frente, Carolina, mãe; Enólia e Lurdes, irmãs; e Malfatti, padrasto.

Ele também era colono, mas havia trabalhado durante muito tempo no “Frigorífico do Português”, que ficava na linha 15, hoje Evangelista, onde era chefe da seção de pesagem de porcos. Porém, como o frigorífico incendiou, ele estava plantando em duas colônias de sua propriedade. Lá morava com a filha mais velha e seu genro, João Folle. Sua outra filha morava na 15, perto do frigorífico, onde ela e seu marido tinham um hotel. A primeira esposa do meu padrasto era, como minha mãe, também viúva. Desse novo relacionamento, nasceram mais quatro filhos: Enólia, Lurdes, Cláudio e Clóvis.



1996 – Da esquerda para a direita: Eu, Lurdes, Alcides, Cláudio e Clóvis, irmãos

Meu padrasto construiu uma nova casa para nos receber. Ali ficamos por dez meses e, depois, fomos para Guaporé, onde ele colocou um depósito de madeira bruta e aplainada com um dos genros da primeira mulher com quem casou, Ângelo Bordin, o qual era contador do frigorífico em que trabalhou e, como tinha muito por receber do tempo de serviço, retirou esse valor em madeira bruta. Aí surgiu a Madeireira Malfatti Bordin. Nossa casa ficava em frente ao campo de futebol do Juventude.

Logo que fomos morar com meu padrasto, ele nos dava muitos conselhos: como era a vida, o comportamento que devíamos ter.... Eu estava muito mais feliz, apesar de ter vários amigos na linha nona e estarmos sempre juntos. Nosso relacionamento era muito bom.

Quando chegamos em Guaporé, estudei, de setembro a dezembro, no Colégio Marista, mas, no ano seguinte, como eu faço aniversário em março, e tinha até os 16 anos para escapar do exército, o diretor da escola me colocou em uma turma de alunos pequenos. Ele queria me segurar para, no ano seguinte, eu fazer o tiro (era como chamavam na época a estratégia para não fazer o serviço militar). Porém, eu passei a me sentir muito mal porque eu já tinha a altura de hoje e meus colegas eram bem menores. Então, desisti da escola.

Passei a trabalhar na madeireira do meu padraсто, descarregando madeira dos caminhões, gradeando madeira para secar e aí fazer assoalho e forro. O horário era das 07:30 às 12:00 e das 13:30 às 17:30.

Depois de dois anos, as marcenarias de Guaporé fizeram uma fusão. Surgiu, então, a MABI (de Malfatti Bordin Industrial). Construíram uma laminadora, pois dois sócios eram mecânicos e entendiam bem de engrenagens. Ela era tocada à caldeira a fogo que tinha cilindro para tocar as máquinas, pois a energia elétrica, da época, não era muito forte. Produziam lâminas compensadas, portas semi-ocas, móveis e aberturas. Um dos sócios, Arcângelo Bazzo, era um escultor de mão cheia. Meu padraсто ia para o mato comprar madeira para dar serviço à laminadora.



Parada da Mocidade – Na época, firmas marchavam no dia cinco de setembro.

Quando completei dezoito anos, meu padrasto me deu cota de dez mil da MABI, representando meus irmãos Alcides e Silvestre que eram menores. Essa cota havia sido dada pelo meu avô à minha mãe quando ela casou, e Malfatti administrou até eu completar essa idade. Tornei-me, então, chefe da seção de beneficiamento da madeira. O Alcides assumiu a chefia da mecânica e o Silvestre a da seção de móveis.

CAPÍTULO III

A VIDA NO QUARTEL

Aos 20 anos fui para o quartel em Santo Ângelo . Me apresentei no 2º BCL (Batalhão de Combate Leve). A 2ª Guerra Mundial terminou em maio de 1945 e eu entrei em janeiro de 1946.

Na primeira marcha de 8km, eu machuquei minha perna. Estava com uma perneira de lona e o dia era muito quente. Fui baixado no hospital militar lá em Santo Ângelo. Fiquei oito dias e fiz tratamento com injeção 914 (não sei o que era isso – risos), porque eles achavam que eu estava com sífilis. Depois, na volta ao quartel, tomei mais quatro injeções de bismuto. Quem me aplicava as injeções era o Bruno Cornélio que também havia trabalhado na MABI. Então, fiquei na reserva. Tive a chance de escolher entre ficar e voltar para casa, mas eu quis ficar para ter uma experiência de vida.

Foi um ano de quartel, mas que ano comprido, meu Deus do céu.... Parecia que o tempo não passava nunca. Não se fazia nada, pois a guerra já havia terminado. Nas quartas e sábados não se tinha o que fazer. Nos outros dias, um pouco de ginástica e só! Queria jogar futebol, mas nem campo tinha... Todas as matérias foram dadas ao contrário, pois, como o país estava atravessando uma crise braba, eles não queriam mais cabos para, assim, diminuir as despesas. De cento e cinco matriculados, apenas três passaram, dois mecânicos e um que trabalhava como datilógrafo no setor de comando, onde os boletins eram feitos. Eu não me conformava que, desde antes dos vinte anos, não era bom de memória. Precisava de uma semana para decorar um texto. Não consigo gravar.

Eu queria fazer curso de motorista. Então, um amigo de Erechim, Danilo, que tinha um caminhão, me ensinou umas três ou quatro vezes. Depois fui fazer a prova na Praça Matriz de Santo Ângelo. Foi

um fiasco aquele dia! (muitos risos) O instrutor era bem ruim e bruto com os alunos, mas comigo ele foi muito bom. Eu estava bastante nervoso e saí com o freio de mão puxado. Ele insistiu para eu tentar de novo, mas não quis, e até foi bom porque senão poderia ter me tornado caminhoneiro por esse mundo afora... Deusolivre!

Queriam me colocar como chefe de serviço da carpintaria. Eu arrumava as camas que eram comuns e quebravam com facilidade. Porém, decidi não aceitar o cargo, porque, se faltassem ferramentas, nós tínhamos que pagar. Lembro de um colega que havia virado um caminhão e estava, não sei há quantos anos, pagando os danos. A “dívida” era paga em tempo de quartel.

Eu recebia cem pila por mês do quartel mais extra por conserto das camas. Além disso, havia trazido um tanto de casa. Eu fazia malas de madeira. Acho que fiz uma meia dúzia. Os soldados da companhia compravam (risos).

A minha companhia era a do serviço, de todos que tinham profissão: marceneiros, soldadores, ferreiros, mecânicos, alfaiates, eletricitas, motoristas...

Nosso quartel era um regimento de 800 soldados. Era bem grande. Haviam cinco, seis alojamentos, cada um de uma companhia. Ao lado havia outro regimento, dividido do nosso apenas por uma cerca, com 1.500 soldados. Era um Regimento Motorizado. Só de jipes tinham mais de 400. Também haviam muitos carros de combate e caminhões.

O regimento fez uma marcha que começou às 16:00 de um sábado e às 22:00 ainda não havia saído todo quartel. Na volta, viemos pelo outro lado. Era noite e chovia. Passamos por uma ponte, sob um banhado, que havia perto da cidade. O motorista do tanque de guerra caiu lá embaixo, e, como o tanque virou, os que estavam na torre morreram enterrados na lama.

Era justamente da minha companhia o pessoal da cozinha. E a comida era horrível! Duas vezes fizemos quebra-quebra: como vinha muita abóbora, atiramos a comida nas paredes e elas ficaram amarelas (risos). Depois disso a comida melhorou um pouco. Não recebemos punição por termos feito isso.

Como eu fazia parte do grupo de superiores do quartel, eu ia junto buscar mantimentos em Cruz Alta. Eles traziam também coisas

boas, como enlatados, mas ficavam só para os comandantes, e nós também tínhamos direito alguma vez (indignação)!!! Um dia, por acaso, fui perto do rancho e vi que estavam cozinhando feijão em um tambor de 200l, onde cabia um saco desse alimento. Justamente na hora em que cheguei, vi dois, três ratinhos mortos boiando em cima desse feijão que estava sendo preparado. Fiquei quieto porque poderia acontecer alguma coisa. Quem saia da disciplina era preso, ia para a cadeia.

Falando em comida, Deusolivre... Uma vez por semana faziam polenta e, nessa polenta, tinha um punhado de munhero (polenta mal feita, que não cozinhou, não desmanchou direito). Eu não podia nem ver e dava direto para o companheiro ao lado. E ele comia?! Não sei como podia (risos).

Quando voltei para casa, um dia a mãe fez polenta e encontrei um daqueles munhero lá. Saí, na hora, da mesa! Até hoje não como polenta!

Em virtude de que a comida não era boa no quartel, eu matava fome com cacetinho e rapadura (risos). Tinha um gaioteiro que ia todos os dias lá.

Quando a fome batia, íamos na bodega atrás do quartel. Passávamos por três, quatro fios de arame farpado. Todo quartel sabia que fazíamos isso.

No período, íamos, todos os sábados, ao cinema. No domingo o programa era a missa da Matriz.

Quando recebi a roupa para o quartel, o casaco era grande e foi ajustado para mim no melhor alfaiate de Santo Ângelo. O meu uniforme era o melhor da companhia, tanto que, ao dar baixa, um colega, chamado Heitor Verardi, que iria continuar no quartel porque era mecânico, quis comprar, mas eu não aceitei e dei de graça para ele.



LEMBRANÇA MILITAR DE DO DO SERVIÇO SANTO ANGELO 2º B.C.C.L.

O Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever.

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL DE 15 DE NOVEMBRO DE 1889

CAPÍTULO IV

VOLTANDO PARA CASA

Depois desse tempo de quartel, retornei para Guaporé e reasumi a chefia de beneficiamento da madeira. Porém, em menos de um ano, já estava morando em Porto Alegre.

O frete da madeira da MABI era feito em um Chevrolet gigante. O motorista chamava-se Kiko Speci, mas ele era fora da firma, contratado por serviço. Porém, meu padraсто não estava muito satisfeito com o gerente da madeireira, que também era seu genro. Ele dizia que ele próprio e mais três ou quatro empregados gastavam menos para buscar madeira do que quando o gerente ia sozinho. Inclusive, enquanto eu estava no quartel, meu irmão Silvestre me escrevia cartas, e, em uma delas, me disse que o Malfatti teve que sair por duas vezes da fábrica em função disso. Meu padraсто era um senhor quase analfabeto, mas, no negócio, tinha um tino que ninguém matava ele!

Mais tarde, esse mesmo genro do meu padraсто quase pediu de joelhos para voltar à MABI, pois ele não conseguia mais empréstimos, já que o Malfatti era seu avalista.

Meus tios da linha 7ª, Pascoal Fornari e Ângelo Fornari, juntamente com o empregado Ângelo, tinham um bodegão e dois caminhões. Eles lidavam com todos produtos da colônia. Então, fizeram uma proposta para eu e meus irmãos Alcides e Silvestre colocarmos, com nosso padraсто, um mercado em Porto Alegre. Acabamos aceitando.

Eu fui para Porto Alegre, onde pegamos um sócio, Oreste Baldasso. Ele tinha um armazém. O Alcides ficou em Vila Maria para comprar porcos e levar no matadouro. Uns 50 porcos eram abatidos por semana, mais ou menos. O Silvestre ficou em casa, dirigindo a nova firma com os tios.

O nosso produto era muito bom, pois era todo vendido na hora certa. Vendíamos toda a produção, mas tinha um problema: quando a mercadoria entrava em Porto Alegre, sempre tinha outro fornecedor do

Rio Grande do Sul fazendo concorrência. Então, trabalhamos apenas um ano e três meses e paramos, porque não valia a pena.

Acabamos com a firma e voltamos para Guaporé. O Malfatti e eu resolvemos pedir nossas cotas e comprar as máquinas da marcenaria. Enquanto eu ainda estava em Porto Alegre e ia no centro comprar alguma coisa, eu via ferramentas de marcenaria e pensava: um dia eu vou usar essas ferramentas!

Então, compramos as máquinas e, junto com os irmãos Silvestre e Alcides, começamos a trabalhar com móveis. Na época da MABI, eu prestava muita atenção no trabalho dos marceneiros e, quando começamos a trabalhar por conta, eu, que nunca havia trabalhado como marceneiro, era quem fazia os melhores serviços e que exigiam mais acabamento. Sabia fazer tanto quanto o Plácido Spejorin, o Otávio Cansian, meu cunhado, e o Caetano Bezuin, que eram os marceneiros empregados. O Alcides era maquinista, ou seja, ajudava a preparar a madeira para trabalharmos e também lidava na prensa, e o Malfatti, como já estava adoentado, em função de um problema no coração, não fazia nada. Ali fiquei por, aproximadamente, quatro anos.

Eu gosto muito de esporte. Sempre quis jogar bola, até cheguei a treinar com o primeiro time de Guaporé, o Juventude. Então, em meio a tudo isso, meu irmão Alcides e eu montamos, com o pessoal da colônia, um time de futebol chamado Quintino Bocaiúva, nome da localidade em que morávamos. Chegamos a participar de um torneio em Guaporé. Éramos em sete times, e nos classificamos em quinto lugar. Eu era o presidente e o técnico do time. O que me incomodei... minha nossa! (risos) Não quero entrar em time de futebol nunca mais na vida! Um tio queria jogar e nunca tido colocado sequer o pé na bola!



CAPÍTULO V

CONHECENDO MARIA, A MULHER DOS MEUS SONHOS

Na época em que conheci a Maria, ela era uma menina. Tinha nove anos e eu dezessete. A irmã dela, que trabalhava na seção de lusturar móveis, era casada com o Otávio Cansian, também empregado da firma. Ela vinha todos os dias trazer o almoço para o seu pai, Ricieri Mafacioli.. Um amigo, Sílvio Tesser, dizia: Olha tua noiva vindo aí!



Maria no Baile da Xita – Esse baile acontecia na primavera. Era tão famoso quanto hoje o baile de debut. O traje era vestidos de xita, todos floridos. Havia a escolha, entre as moças, da rainha do baile, mas todas as mulheres participavam, inclusive as casadas.

O pai da Maria passou a ser sócio da marcenaria quando fizeram uma tomada de capital e pegaram pessoas com pequena cota para parti-

ciparem da sociedade. Ele trabalhava em uma máquina chamada petiça, uma máquina que fazia o aproveitamento de quase 90% dos rolos que sobravam da laminadora.

Gostei dela. Foi um negócio interessante. Fui ao cinema em um domingo à noite, isso já passados alguns anos na volta do quartel. O filme era bom. A parte de baixo do cinema estava lotada. Então, acabei indo sentar na galeria. Ao meu lado tinha quatro, cinco lugares vagos e ela veio, com algumas amigas, e sentou ao meu lado. Aí tudo começou. Eu estava com vinte e cinco anos e a Maria com dezessete. Namoramos durante dois anos e meio.



Nossa primeira foto no início do namoro: almoço oferecido por políticos da época

Nos encontrávamos sempre na praça em frente à igreja, somente aos domingos. Na época, o costume era ficar caminhando à noite, na rua em frente à igreja, de cima para baixo e de baixo para cima. Em outras vezes isso acontecia do outro lado da praça, onde tinha o Café Brasil. Isso até lá pelas 22:00.

Depois de alguns meses de namoro, passei a frequentar a casa dela. Fui muito bem recebido porque já me dava com seus irmãos, Ernesto e Darci. Os pais da Maria eram muito rígidos. Tinha hora para ir

lá. Costumava chegar às oito da noite e ficava até às dez e meia, por aí. Conversávamos na sala a sós. Acho que o sogro tinha muita confiança em mim (risos).



Família Maria Mafaciolli – Da esquerda para a direita: no alto, Darci e Ernesto, irmãos; abaixo, Nilson, Genuíno, Genuína e Maria, irmãos; à frente, Sabina e Ricieri, pais

Era para casarmos em um ano e acabamos casando em um ano e meio porque quis fazer nossa casa. Quando comecei a namorar, e nos acertamos para casar, já comecei a fazer todos os móveis do quarto, sala e cozinha. Fiz, inclusive, as aberturas da casa, janelas e portas internas. Tudo feito fora de hora: sábados à tarde, feriados...

Conheci outras meninas, mas não me agradaram. Achei que a Maria seria a mulher dos meus sonhos: bonita, inteligente.... Essa mulher não tem o que não saiba fazer! Ela era balconista de um armazém e, quando casamos, não sabia fazer nada de casa, já que trabalhava fora desde cedo. Mas, depois que casamos, em menos de um mês começou a fazer roupinhas de criança para as lojas. Era para ajudar no orçamento. Maria deslanchou no seu trabalho! Ninguém ensinou. Fazia de tudo! Cabeça boa, né? Costurava tudo para nós.

A festa do nosso casamento foi uma janta, sem “baile”, no Clube Comercial de Guaporé. Tinha umas sessenta pessoas, mais ou menos. Mandeí fazer uma roupa nova. A Maria estava bem bonita! Foi um dia especial para mim! Fomos morar na casa nova e isso me deu muito orgulho!



Em meio a tudo isso, o meu irmão Silvestre, que era o gerente, nunca tinha dinheiro para pagar o meu ordenado. Era uma dificuldade para eu receber, tanto eu quanto minha mãe e meu outro irmão, Alcides, também.

A mãe, coitada, teve que colocar uma pensão em casa para sustentar os filhos menores que teve com o Malfatti: Enólia, Lurdes, Cláudio e Clóvis. Meu padrasto morreu dois meses depois do meu casamento.

Um ano depois de casados, nasceu nosso primeiro filho, Adalberto. Nasceu no hospital de Guaporé, mas tinha algum problema, porque comia e vomitava tudo. Mas o que sofremos! Deus

do céu! Foi uns três meses, mais ou menos, assim. Quando não conseguimos ir até o hospital para consultar, porque não tínhamos carro, o doutor vinha até nós, a pé. Morava uns 500m lá de casa.

Depois o médico deu um tratamento com uma injeção de penicilina que tinha que tomar de quatro em quatro horas, 2ml por vez. Quem dava a injeção era o vizinho que morava em frente, Firmino Minúsculi, mas comecei a achar que o estava incomodando. Então, eu mesmo comecei a aplicar. Foi por um período de seis meses, aproximadamente.

O Beto estava com dois anos e meio e tivemos que sair de lá porque nunca tinha dinheiro para pagarem meu salário. Foi assim: o sogro veio a Passo Fundo visitar o filho, Genuíno, e ele falou para o pai que precisava de alguém para tomar conta do chiqueiro dos porcos. Na sua volta, a Maria e eu fomos visitá-lo, e aí soubemos disso. Disse para a Maria: nós vamos tomar conta desse chiqueiro. Ele era da propriedade de uma família tradicional de Passo Fundo que tinha muita terra aqui.

A Maria concordou, mas ficou muito sentida em deixar a casa nova e todos os móveis. Tivemos que colocar um pouco deles em cada lugar, pois a casa da granja, nosso futuro trabalho, era muito pequena.

CAPÍTULO VI

UMA NOVA “APOSTA”

Quando chegamos aqui em Passo Fundo, para tomar conta do chiqueiro de porcos, na localidade de Bela Vista, não encontramos bem o que havia sido prometido. Eu já era o quarto contratado para fazer esse serviço. Fui percebendo que, quando os negócios iam bem com os porcos, quando estavam sendo bem cuidados, o proprietário tratava de despistar os sócios para se largarem de lá. E foi o que aconteceu. Ficamos apenas dez meses nessa granja.

Quando eu ia comprar milho para os porcos, só aceitavam fiado se fosse em meu nome, por mais que eu fosse um desconhecido entre os fornecedores.

Deu muito serviço para colocar tudo em ordem. Tive uma ajuda muito grande do meu sogro, que passou a morar conosco, por um período, até organizar tudo.

Em minha primeira viagem para comprar milho, na propriedade de um vizinho, quase me matei com a carroça do trator. Era um Ford pequeno. Coloquei trinta sacos de milho na carroça, mas só o tratorzinho tinha freio. Um empregado que me acompanhava preferiu descer e seguir a pé, pois tínhamos que passar por um barranco de um metro de altura.

Um sábado quis fazer duas viagens para adiantar bem o serviço, e, no segundo frete, na metade da descida, o trator bateu no barranco e virou. Minha sorte foi que pulei fora e pegou apenas a minha perna esquerda. Me machuquei bastante. Eu estava com uma calça de brim curinga que a Maria havia feito há pouco tempo para mim e ainda nem havia sido lavada. Na batida, toda calça do lado esquerdo foi arrancada. Só ficou presa pela cintura. Um vizinho próximo, chamado Bordignon, me socorreu. Me levou para casa sentado em uma cadeira em cima de

uma carroça. Minha perna, que foi pega pela roda do trator, estava em carne viva. Minha sorte foi que o solo era de terra, e não de pedregulho.

Não fui ao médico. O dono da propriedade me trouxe umas pomadas. Fiquei bem, mas, durante minha recuperação, a Maria precisou assumir o cuidado comigo, a casa, os filhos e o trabalho da granja.

Mais tarde, fui buscar outra carga de milho, mas só carreguei a metade da carroça. Na descida, coloquei em ponto morto e deixei correr livre. Bah.....foi um perigo aquilo lá também!

A estação da criação de porcos tinha água corrente e era bem arborizada. Ficava a uns cinquenta metros da nossa casa. Já tínhamos quarenta e três porcas cobertas. Então, mandei castrar uns duzentos e quarenta leitões e leitoas porque não havia espaço suficiente para acomodar além desse número de animais.

Chegamos na granja em maio. No final de outubro vendi uma chiqueirada de porcos gordos para o Frigorífico Planaltina. A venda era a prazo. Porém, depois de voltar de uma viagem a Chapecó, para visitar minha irmã Quintina Cansian no final do ano, soube que nossa casa havia sido invadida pelo meu próprio sócio. Ele pegou a nota dessa venda, foi até o frigorífico e conseguiu sacar com o gerente, Félix Sama, metade do valor da venda. Aí percebi que não daria para continuar.

Resolvi voltar a Passo Fundo. Meu cunhado Genuíno havia arrumado uma casa para morarmos, mas, quando chegamos aqui, já estava alugada. Em meio a tudo isso, soubemos que a inquilina da parte de baixo estava por ir embora. Então, fizemos uma proposta dela nos ceder uma peça da casa para colocarmos nossos pertences e, depois, ajudaríamos na sua mudança. Ela estava grávida e faltava pouco tempo para o parto.

O Genuíno tinha duas primas da mulher dele. Fomos até elas pedir um espaço para colocar nosso colchão e termos onde dormir na primeira noite. No dia seguinte, a inquilina, com quem havíamos conversado, já saiu e conseguimos arrumar tudo.

Fui procurar serviço na Casa Carioca, Fábrica Santa Terezinha e Mário Veneziani. Todos trabalhavam com móveis. Escolhi a Casa Carioca e soube que tinha uma casa para alugar a uns cinquenta metros dali. Então, fizemos outra mudança. Em nem uma semana, foram duas mudanças!

A Casa Carioca era uma firma de judeus. Os patrões eram muito bons. O pagamento era por empreitada. Na primeira tarefa peguei meia dúzia de varandas paulistas, que são dois móveis: cristaleira e balcão com quatro gavetas. Só tirei um salário mínimo. O meu sistema de trabalhar e cobrar era bem diferente do deles. Se não fosse na perfeição, eu não fazia.

Trabalhei uma semana com fórmica e, depois, passei a trabalhar nos quartos e varandas Luís XV porque eu sabia fazer o serviço. Eram os de mais precisão e os mais caros. Porém, comecei a observar o comportamento de outros colegas e passei a fazer igual: trabalhar mais ligeiro para receber mais.

Depois de um ano e pouco de firma, peguei um secretário, Cléo Fuga. Fomos convidados para ir ao seu casamento. Éramos em dezoito marceneiros ao todo e, quase todos, tinham um auxiliar.

Um ano e meio depois de começar a trabalhar na Casa Carioca, nasceu nossa segunda filha, Adriana. Ela nasceu no dia do aniversário de Passo Fundo, sete de agosto. Eu estava em casa, apesar de ser dia da semana, porque a Maria começou a sentir que ela estava vindo ainda à noite. O parto foi em casa mesmo, na rua Bento Gonçalves, número 23. Acho que, além da parteira, uma vizinha veio ajudar a Maria. Não compramos pronto um vestido sequer para a Adriana! Todos foram feitos pela Maria!

Nessa época, minha mãe faleceu, em Chapecó, aos 65 anos de idade. Ela estava com problema no coração. Queriam fazer uma cirurgia em São Paulo, mas eu não deixei. Ela se tratou aqui em Passo Fundo por uns cinco, seis anos. Faleceu repentinamente. Ficamos sabendo através de uma vizinha que veio nos avisar, pois eles tinham telefone. Um amigo, Miro, nos levou de Kombi para o enterro. Essa mulher sofreu... Deusolivre...

CAPÍTULO VII

DESISTIR JAMAIS

Continuei na Casa Carioca, sempre pensando em, um dia, trabalhar por conta. Ao lado dessa fábrica, tinha um terreno baldio, de propriedade do Dr. César Santos. Fui conversar com ele e perguntar se alugaria para mim. Ele concordou, desde que eu montasse um fábrica de compensado, pois, caso um dia precisasse do imóvel, seria mais fácil desmontar. Além disso, na época, havia muita procura pelo compensado. Ainda não havia o aglomerado.

Porém, quando meu cunhado Darci soube que eu estava por colocar uma fábrica aqui em Passo Fundo, me fez a proposta de ser meu sócio e colocarmos essa fábrica entre Passo Fundo e Guaporé. Então, pedi demissão da Casa Carioca, apesar de não quererem que eu saísse, e montamos uma serraria em Marau. Precisei vender um dos terrenos que tinha em Guaporé, adquirido com a venda de nossa casa. Depois que a fábrica estava montada, trouxe minha família e a mudança.

Começamos a trabalhar e comprei uma carga de açoita-cavalo, uma madeira resistente e usada na confecção de peças torneadas. Fazíamos moldes retangulares de 30x15 para sapatos, mas logo fiz as contas e vi que esses moldes não davam o preço da lenha. Desisti na hora.

Passamos a cortar pinheiros e fazer tábuas. Assim foi por mais de um ano, mas os preços ficaram estacionados e o negócio não valia a pena. Como tinha bastante costaneira, tábua feita da primeira e última parte de um tronco, que geralmente se apresenta com falhas, virei para fazer compensado, lâminas em camadas dispostas perpendicularmente uma a outra. Fiz duas cargas para a Casa Carioca de 450m², mas vi que o lucro também era mínimo. Então, passei para o serviço de fabricar móveis.

No início, o Nilson, outro cunhado, entrou junto como sócio. O serviço dele era comprar madeira para a serraria. Ele saiu um ano e

meio antes de mim e, dois anos depois de montarmos a fábrica, meu cunhado, Otávio Cansian, passou também a ser sócio. Em três meses vendemos apenas dois bidês, mas continuamos a fazer estoque. Tínhamos, no começo, dois marceneiros, e, quando saí, tínhamos sete. A firma era dirigida por mim. No tempo em que estava lá, como gerente, só uma nota foi para o cartório de protesto: cobrança de uma lata de cola Cascamite de 20kg. O negócio deslanchou.

Fiquei lá por cinco anos e meio. O motivo da minha saída foi triste. Na época, a Maria fazia sapatinhos e bolsas de plástico. Ela não vencia fazer e tirava mais do que eu. Então, decidi que teria que dar outro rumo para a minha vida. Foi aí que fiz uma proposta para eles: ou eles compravam a minha cota na fábrica ou eu comprava as deles. Graças a Deus compraram a minha!

Nesse meio tempo, nasceu o Adroaldo. Um filho nasceu em Guaporé, a outra em Passo Fundo e o último em Marau. Quando ele nasceu, também não estava fácil porque a serraria vivia uma crise. Nasceu em casa. Correu tudo bem. A Maria tinha vindo a Passo Fundo retirar um salário mínimo que, na época, era dado à gestante no nono mês, desde que o parto fosse em casa. Era necessária a avaliação do médico para constatar que estava no momento devido de receber tal salário. Então, ele disse que o nascimento aconteceria no final de novembro, mas, na verdade, ele nasceu no dia 29 de outubro, um mês antes.

Até hoje não recebi metade do que me cabia. Depois que saí, dali a um ano e meio a serraria quebrou. Porém, antes de sair fiz uma viagem para ver colocação no Paraná. Fui até Cascavel. A viagem durava um dia, mas parei em Xanxerê para visitar meu irmão Alcides. Negócio tinha, mas precisava de dinheiro, e eu ainda não havia recebido.

Eu tinha em vista uma fábrica de compensado parada aqui em Passo Fundo. Consegui comprar as máquinas e um pouco de material, no valor de sete mil e quinhentos reais, do antigo proprietário, Marfim Bortolon. Pagava quatrocentos reais pela propriedade com o galpão da fábrica. Era da Sra Carolina, uma viúva, cujo marido havia começado a fábrica.

Um ano e pouco depois, a Maria estava limpando a casa, com o rádio ligado, e ela ouviu uma proposta de uma financiadora de empréstimo de Porto Alegre. A Dona Carolina queria vender o terreno ao lado da casa, que era do seu filho. Em contrapartida, oferecia a casa

para ser usada e paga aos poucos, de acordo com nossas possibilidades. Então, foi chamado um engenheiro chamado Busado para fazer a avaliação. Ficou em noventa mil reais. Eu já tinha conseguido dezoito mil de papagaio, o qual dei como lance nessa financiadora. Era como um consórcio, novidade na época.

Tínhamos dois terrenos na Vila Vergueiro. Um vendemos para comprar as máquinas e a fábrica, e o outro vendemos para iniciar o negócio em Marau, sendo que nesse entrou o valor da venda da casa de Guaporé também.

Com essa fábrica pude pagar o estudo dos meus filhos, meu maior orgulho!

CAPÍTULO VIII

MINHA MELHOR “SOCIEDADE”

Essa foi minha única fábrica, propriamente dita. Todas as anteriores foram em sociedade com outras pessoas, e em todas marchei, ou seja, fazia horas extras, abria e fechava as portas, mas de nada adiantou.



Meu primeiro carro em frente à minha fábrica

Comecei com quatro funcionários e, no final, tinha dezessete. Foram onze anos de fábrica aqui em Passo Fundo. Tinha bastante serviço, pois era o único que trabalhava com compensado na redondeza. Atendia clientes daqui e de localidades próximas também.

Tinha uma chácara, próxima ao Vermelhão da Serra, onde ficava a laminadora, que fazia compensado, e a serraria. Era o Avelino Loss que administrava. Ele inventou uma máquina para aproveitamento dos retalhos da lâmina grossa e, com eles, fazia tabuinhas para construir caixas de uva. Meninos de 12, 13 anos faziam fardos dos pedaços já cortados na medida e, aos sábados, formavam aquela fila para receber as horas trabalhadas.



Com essa fábrica pude pagar o estudo dos meus filhos, meu maior orgulho! E é um negócio interessante..... Quando eu era jovem, tinha o sonho de fazer engenharia civil, e, sem nunca ter falado nada disso, dois dos meus filhos escolheram esse curso! Até pensava que, se conhecesse alguém que quisesse cursar, e não tivesse possibilidade, eu iria ajudar.

CAPÍTULO IX

MINHA FAMÍLIA, MEU MAIOR BEM

O Beto, nosso filho mais velho, fez faculdade de Engenharia Civil na PUC em Porto Alegre. Depois fez uma especialização e passou a lecionar em uma escola de Viamão. Daí veio a pós graduação no Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar em uma multinacional chamada Ficap, que fabricava fios elétricos, todas as espécies de cabos, inclusive os marítimos. Essa firma utilizou a sua tese para aprimorar o trabalho da fábrica. Era bastante cansativo, pois ele morava a uns 40km de distância.

Enquanto o Beto estava no Rio de Janeiro, a Maria e eu fomos visitá-lo umas quatro vezes. Gostei da cidade. Na época não tinha o que tem hoje lá. Sempre que íamos, chovia. Aí só dava para visitar museus (risos). Mas uma vez conseguimos ir até o Cristo Redentor. Aquilo lá é uma das maravilhas do mundo! Nunca imaginei que aquele menino lá da linha nona de Guaporé, um dia, estaria naquele lugar...

De tanto a Maria e eu insistirmos para ele voltar, ele começou a trabalhar aqui com um sócio, Luísmar, com estaqueamento de obras. Haviam sido colegas de faculdade. Porém, como toda sociedade... Então, mais tarde, ele conseguiu a colocação de professor na UPF e, depois de um ano e pouco, foi fazer doutorado em Florianópolis. Até hoje está na universidade. É casado com a Luciana, que é engenheira de cálculos e também trabalha na UPF.

A Adriana, nossa filha, fez faculdade aqui em Passo Fundo. Escolheu a Medicina. Sua especialização em oftalmologia também foi no Rio de Janeiro, onde conheceu seu ex-marido. Depois de casada foi morar em Medianeira. No início, tinham consultório juntos e, com a separação, ela comprou duas peças em um shopping e fez uma só. Ficou um



Filho Adalberto e sua esposa, Luciana, Maria e eu

consultório de primeira! Coisa mais linda! Ela assumiu todos os compromissos dos dois filhos, Elisa e Felipe. Anos depois decidiu voltar para Passo Fundo e continuar seu trabalho como oftalmologista aqui.

A Elisa, nossa neta, fez faculdade de veterinária aqui e foi fazer especialização nos Estados Unidos, onde conheceu seu marido, Dan. Foi trabalhar em um hospital veterinário, pois o diploma do Brasil não tem validade lá. Casou em Passo Fundo e hoje tem três filhos, nossos bisnetos: Sabina, mesmo nome da mãe da Maria, de cinco anos; Mateo, de três anos; e Tomás, de um ano e cinco meses.

Maria e eu fomos visitá-los uma vez com a Adriana. A cidade chama-se Verona, e fica localizada no estado de Nova Jérsei. O bairro em que moram é muito bom! Me chamou a atenção que as casas não têm cerca e muitas não têm garagem. Então, é normal os carros ficarem na frente das casas, até mesmo abertos! Lá também tem uma festa das bruxas, Halloween, e todas as casas deixam uma cestinha de doces na área para as crianças pegarem, mas cada uma pega um só, não se aproveitam.

A Elisa compra muito pela internet e, quando vão entregar as compras, caso não tenha ninguém em casa naquela hora, deixam na área e ninguém rouba! Seu marido trabalha como repórter de TV. Ele é muito legal!



Da esquerda para a direita: Adriana, filha, com Sabina, bisneta; Maria; Felipe, neto, com Mateo, bisneto; eu e Elisa, neta e mãe das crianças



Família da Elisa, neta, que mora nos Estados Unidos: Dan, seu marido, e os filhos Sabina, Mateo e Tomás



Quatro gerações:
bisavó, Sabina, mãe Maria; avó, Maria; mãe, Adriana e bisneta, Elisa

Outra coisa que achei interessante são os carros, todos grandes. Não tem uma terça parte dos carros pequenos daqui. Me espantei ao saber que as garagens dentro do aeroporto têm capacidade para mais de quinhentos carros. E são de um piso só!

O Felipe, nosso outro neto, fez faculdade aqui de Publicidade e Propaganda. Ele conseguiu, no Canadá, um curso de aperfeiçoamento em desenho de animação. Depois ele trabalhou um tempo em Porto Alegre. Agora está se preparando para voltar ao Canadá. Eu acho que ele é muito inteligente e que têm muitas possibilidades de se encaminhar bem na vida.

O Adroaldo, nosso terceiro filho, também cursou engenharia civil, só que em Santa Maria. Acho que ele se espelhou no irmão mais velho. Se formou em quatro anos, o único da Universidade de Santa Maria que conseguiu isso até aquela época. Inclusive, quando fomos na formatura, o reitor quis conhecer seus pais. Ele teve uma loja muito boa de óculos em Medianeira, enquanto a Adriana morava lá. Nesse período conheceu sua primeira esposa com quem teve a filha Isabella, hoje com vinte anos. Ela está cursando medicina. Depois de uns três anos ou mais, após sua separação, voltou a Passo Fundo. Então, fez um concurso na prefeitura daqui e passou. Até hoje é o seu trabalho. Sua

atual esposa chama-se Caroline. Ela é advogada. Tiveram um filho, o Heitor, que tem três anos de idade. Foi uma feliz surpresa para mim terem escolhido o meu nome para o filho deles.



Da esquerda para a direita:
Adroaldo, filho; Maria; Caroline, nora; Heitor, bisneto; e eu.



Neta Isabella, Maria e eu



Festa surpresa que recebi nos meus 80 anos no Caixeiral Campestre



Minha festa de 90 anos na Chácara Santa Cruz, da esquerda para a direita: Clóvis, Lurdes, Enólia, irmãos; Maria; eu; Aida (cunhada, viúva do Ernesto); Darci (irmão da Maria); Valmir (marido da Enólia); e Moacir (marido da Lurdes)

CAPÍTULO X

A VIDA MUDA, MAIS UMA VEZ

Parei com a fábrica em março de 1980. O Adroaldo estava no fim da faculdade e entendi que não compensava mais continuar. Eu estava bem conformado porque sempre trabalhei e muitas poucas férias tirei. Fiquei só com afiação de ferramentas. Vendi uma parte das máquinas e comprei um terreno na Vila Fátima, onde queríamos fazer uma casa, mas, como piorou a situação de assaltos, decidimos desistir e vender. Recebi, em troca, cinco garagens e dois apartamentos. Vendi os dois apartamentos e comprei outro no mesmo prédio em que moram o Adalberto e a Adriana: o apartamento do Adalberto fica porta com porta com o nosso e o da Adriana fica no andar de cima.

Não senti falta da casa lá embaixo. Logo me acostumei, e o motivo foi o seguinte: no fundo da casa tinha o galpão, onde era a fábrica, e, cada vez que ia até lá, trazia pó para dentro de casa e dava muito trabalho para a Maria e a faxineira

Nessa casa eu tinha duas paixões: os parreirais e as caixas de abelhas que tinham no fundo do lote. Em uma safra colhemos 68kg de mel! Ficamos espremendo mel até às quatro e meia da manhã porque as abelhas de dia ficavam brabas e poderiam atacar alguém na rua. Eu costumava sentar, aos domingos de manhã cedo, só de bermuda em frente às caixas de abelhas e ficava contando quantas entravam e saiam por minuto. (risos)



Parreiral da casa



Um, entre tantos outros almoços, embaixo do parreiral

Dia 28.02.19 vai fazer três anos que estamos aqui. Agora só assisto TV (risos). Gosto de assistir, em primeiro lugar, futebol, depois filmes de comédia, terror e programas sobre carros.



Um momento comum, em nosso atual apartamento, mas que demonstra o grande e especial companheirismo entre a Maria e eu

Bonito que, quando comprei o último carro há pouco tempo, quatro médicos me proibiram de dirigir. Foi muito difícil para mim aceitar. Hoje aceito melhor porque sei que, em função do meu problema no coração, é perigoso.

Tenho autonomia total sobre minha vida. Três vezes por semana vou na academia do Rafael e duas vezes por semana vou na hidroginástica do Caixeral Campestre. Aí a Maria vai também e, geralmente, temos a carona do Nilson, seu irmão. Ele costuma nos visitar em casa uma ou duas vezes por semana. Eu gosto dele. É um homem que faz tudo. Quando preciso de alguma coisa, ele me ajuda, inclusive um relógio ele me arrumou. Instalou mais de uma vez o chuveiro para nós. Além disso, vou todas as quintas no Josias fazer massagem.



Na academia eu mexo muito com os professores de lá (risos). No início dizia para eles: Como é bom ficar velho! Sabe que fui descobrir há pouco que estou ficando velho? (risos). Também conversamos sobre o meu passado e coisas da vida.

O Adalberto várias vezes por dia vem nos ver. A Adriana também vem seguido e o Adroaldo vem nos finais de semana porque mora longe do nosso prédio. Tem um vizinho do prédio ao lado, Seu Nelson, que era estofador lá na minha fábrica. Fui visitá-lo uma vez.

Quase toda semana vou na fruteira da esquina. No tempo em que a Maria ficou no hospital, em função de uma cirurgia no quadril, às vezes pegava vianda ali também. Não dormia no hospital com a Maria porque o médico me proibiu de levantar peso acima de 5kg

Também tenho a ajuda da Mônica, uma enfermeira, que inclusive tem doutorado. A Adriana a conheceu quando foi em busca de alguém para cuidar da Maria, no período da cirurgia do quadril, pois ela tem uma equipe de enfermeiras que auxiliam nessas situações. Eu me sinto bem e seguro na companhia dela. Ela vem me buscar de carro para me acompanhar nas consultas médicas e, depois, repassa as informações para a Adriana. A Mônica conhece todos os hospitais, conhece todo mundo!



A Ivete é outra pessoa que nos ajuda. Está conosco há oito anos. Ela é muito de confiança, inclusive dei duas vezes dinheiro a mais e ela me devolveu. Nas minhas roupas ela sabe mais do que eu! Tem horas que ela quer me colocar o calçado e os carpins, porque tenho um pouco de dificuldade de me abaixar em função de um problema na coluna. Ela se prontificou de ir conosco até o fim... Além de ser nossa funcionária, tem um carinho especial por nós. Quer me acompanhar nas caminhadas da praça porque tem medo que eu caia. O Beto também não quer que eu saia sozinho porque já caí duas vezes na rua.

Alguns móveis fabricados por mim continuam a nos acompanhar. As esculturas foram feitas pelo Sadi.



Artesanato feito pela filha Adriana que herdou as habilidades manuais da mãe: o número 606 é o original da casa em que moramos por 47 anos, e o parreiral e as folhagens, que também tínhamos nessa casa, são em homenagem à paixão da Maria pelas plantas e à minha pelas videiras – ele está colocado bem na entrada do nosso apartamento

CAPÍTULO XI

MUITA FÉ, DESDE SEMPRE

Quando a Maria e eu completamos bodas de ouro, a comemoração foi no Clube Caixeiral, mas, antes do jantar, o padre Júlio rezou uma missa para nós. Foi muito bom. Tinha mais de cem pessoas.

Trouxemos de nossa viagem a Jerusalém, em 1997, uma garrafa de vinho tinto que foi usada na missa de nossas Bodas de Ouro. Ela também fez parte do casamento da Luciana e do Adalberto, da Caroline e do Adroaldo e da Elisa e do Dan.



26/09/2003: Padre Júlio celebrando a missa de nossas Bodas de Ouro

A fé é tudo! Sem ela eu não teria chegado até aqui. Desde que eu era pequeno, a fé me ajudou a segurar as grandes dificuldades que a vida me apresentou. Sempre acreditei que um dia minha vida iria melhorar. O que eu trabalhei... minha nossa!

Costumávamos rezar em família, e, quando os filhos já não estavam mais em casa, pediam para que rezássemos para eles irem bem nas provas. Hoje posso dizer que, em quase 100%, Ele atendeu aos meus pedidos.

Sou devoto, primeiramente, em São José e depois em Santo Antônio, porque sempre, desde piá, tenho eles na cabeça.



Da esquerda para a direita: Maria; Padre Fred; eu; José Zanella e sua esposa Leila; Teresinha Zanella; e Teresinha Magrim. Em pé, Adalberto e Adriana.

O Padre Fred é americano e nosso amigo de longa data. Quando nos conhecemos, ele trabalhava no seminário. Atualmente mora nos Estados Unidos e, apesar de passados quase vinte anos desde sua transferência, até hoje nos comunicamos.

Também temos no Padre Rafael um grande amigo. Ele é uma pessoa carismática. Nos conhecemos em um grupo de oração, quando ele ainda não havia sido ordenado. Conquistou toda nossa família e é muito querido por todos nós. É bastante presente e sempre vem nos visitar..

CAPÍTULO XII

PELAS ESTRADAS DA VIDA

Nossa primeira viagem ao exterior foi para a Europa, em 1995. Presente dos filhos pelo meu aniversário de 70 anos. Essas viagens, Deusolivre.....muito bom! Por exemplo, no Vaticano achei o piso um espetáculo! Fomos visitar o porão do lugar, onde tem o cemitério dos papas. Coisa mais linda! 5mx5m para cada um deles. São uns setenta e poucos túmulos, se não me engano.

Em todas as cidades em que a Maria e eu íamos, procurávamos as igrejas para ver suas belezas. Uma das igrejas que mais me chamou a atenção foi em Toledo, Espanha: a nave, no meio, tem umas três, quatro fileiras ao lado com cadeiras, de mogno, escultradas. Seus assentos levantam e abaixam, pois embaixo encontram-se esculturas em alto relevo. O altar é enorme, chapeado a ouro e prata. Ao redor da nave, do lado de fora, estátuas de mármore na perfeição! Depois, nas laterais da igreja, têm mais treze altares, cada um de uma família particular.

Não esqueço quase nunca que, em um sábado à tarde, na Alemanha, fomos em um café que tinha música, chopp e linguiça. Queríamos tirar uma foto com o garçom, que era italiano. Ele segurava quatro canecas de litro de chopp, em cada mão, ao mesmo tempo (olhar de espanto)!

Na Suíça, fomos nos Alpes ver a neve. Tem uma ponte que atravessa um rio de uns quinze metros e, nesse rio, tem um cordão para segurar toda sujeira e não poluir o rio. Uma higiene... que coisa! Não se vê um palito no chão!

Na Espanha, a Maria e eu subimos, a pé, dezoito rampas até chegar em uma igreja que fica bem no alto. Ela tem vinte e quatro sinos e, antigamente, havia uma pessoa que subia de hora em hora para bater os sinos.



Chegando ao Egito, pernoitamos em um hotel aos pés do monte Senai, onde forneceram, após o café das manhã, uma caixa de mantimentos para cada um do grupo, pois faríamos uma viagem de um dia inteiro pelo deserto, até chegarmos ao Cairo, e não se encontra nada ao longo do trajeto. Lá visitamos um cemitério, onde eram enterrados os bois dos faraós, com todas joias que usaram em vida, pois eram considerados deuses por eles. Medem três metros por oito de largura e oitenta centímetros de altura. A espessura da pedra do túmulo é de quinze centímetros. Depois de muitos anos descobriram esses túmulos e vários foram saqueados. Os faraós, por sua vez, eram enterrados nas pirâmides.

Em Luxor, visitamos um local onde também tem túmulos de faraós nos subterrâneos, de setenta a cem metros de profundidade e até setenta metros de comprimento, todos revestidos com hieróglifos coloridos e em perfeito estados. Os faraós eram sepultados com seus empregados de confiança vivos, na intenção de continuarem a ser cuidados por esses. Também colocavam moringas e mais moringas de sementes, pois acreditavam na continuidade da vida. Eu não acredito em reencarnação.

Em cada viagem que fazíamos, a Maria levava junto uma cadernetinha para ir anotando os nomes das localidades e outras curiosidades que encontrávamos pela frente. Na volta, organizava, cuidadosamente, os álbuns, acrescentando ao lado de cada foto seus registros. É com a ajuda dela que vou mostrar e falar dos lugares por onde andamos.



Natais em Chapecó – Sessão de fotos, em projetor super 8,
na casa do tio Valmir, casado com minha irmã Enólia



Ainda natais em Chapecó – acontecem há mais de 50 anos



Acampamento em Lagoa dos Esteves – Gostávamos de acampar, sempre acompanhados por amigos. Inclusive, por vezes, fazíamos uma roda de barracas e, no centro, coberta por uma lona, era área em comum, onde jogávamos, fazíamos as refeições e fortalecíamos nossa amizade.



Lúcia, Jorge, Maria e eu. Eles residem em Vitória, Espírito Santo, local da foto. Passaram a fazer parte da nossa vida e, assim sendo, participaram de vários momentos importantes da nossa família.



Almoço em família, em uma das várias visitas da Lúcia e do Jorge. Assim como eles vêm nos ver, nós também várias vezes fomos visitá-los.



Quando fomos para o Canadá e Estados Unidos, juntamente com a Lúcia e o Jorge, os guias eram muito ruins. Então, o Jorge passou a dizer que faria faculdade de Turismo. A Maria incentivava, afirmando que iríamos na sua formatura, mas nunca imaginávamos que ele faria, pois trabalhava o dia todo. E não é que ele fez? A foto registra a festa da sua formatura.



Viagem com Adriana, filha, e Elisa e Felipe, netos, para Bonito, Mato Grosso



1994 – Viagem para o nordeste. Da esquerda para a direita: Airton; Lires; Iracema, casada com o irmão da Maria, Darci; Maria e eu. Nessa viagem conhecemos um jovem casal, Lúcia e Jorge, que passamos a adotar, desde o início, como filhos.



1995 - Granada, Espanha. Grutas subterrâneas de ciganos, onde todas as noites aconteciam shows.



1995 -Inglaterra, tendo ao fundo o lendário Big Ben



1995 - Cannes, França



1995 - Principado de Mônaco



1995 - Lucerna, Suíça



1995 - Principado de Liechtenstein, Alemanha



1995 - Prefeitura de Munique, Alemanha



1995 - Áustria – Dançando a valsa Danúbio Azul no Salão de Viena



1995 – Veneza, Itália. Praça São Marcos



1995 – Museu de Roma – Estátua de Moisés: quando Da Vinci terminou sua obra, tamanha perfeição, deu uma martelada em seu joelho e ordenou: “Parla!”



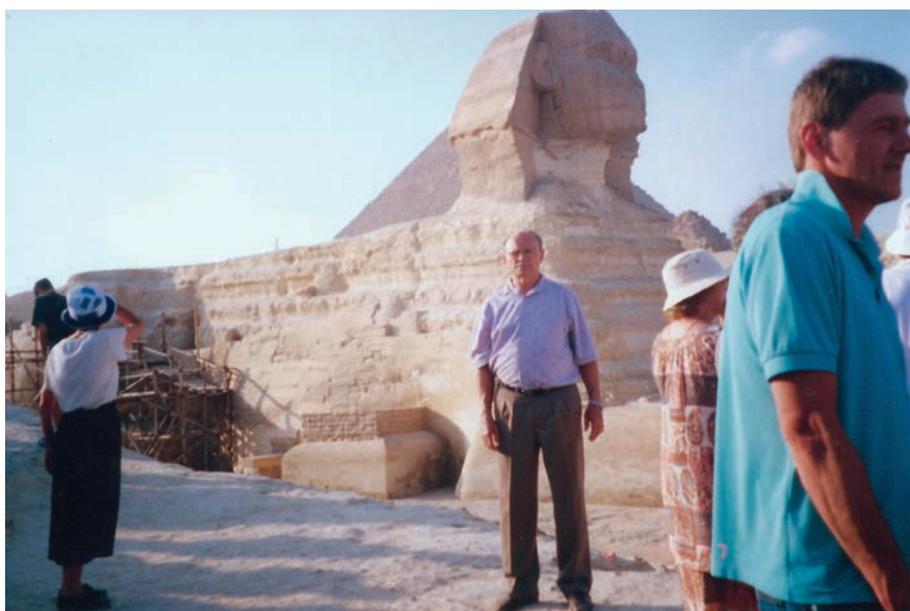
1997 – Nascente do Rio Jordão, Cesareia de Filipe, Jerusalém. Frei Hélio, companheiro de viagem, renovou nossas promessas de casamento e, justamente nesse dia, estávamos completando 44 anos de casados.



1997 - Missa de Caná da Galileia. Lugar onde Jesus transformou a água em vinho, seu primeiro milagre.



1997 - Belém, ao lado da manjedoura onde Jesus nasceu.



1997 - Egito, Esfinge de Gizé



1997 - Cairo, visita às pirâmides e esfinge.



1997 - Um dos que alugavam camelos.
Cada um deles tem o aluguel de apenas um animal.



1997 - Istambul, Turquia, em frente à fonte onde se lava as mãos e os pés para entrar na sinagoga.



1997 - Em frente à antiga cidade de Constantinopla, hoje Istambul.



1997 - Athenas, Grécia



1997 - Fontana di Trevi, Roma, Itália



1998 -Estados Unidos – Corredor de entrada das Torres Gêmeas



1998 -Central Park , com Lúcia, Jorge e Delma, outra amiga



1998 -Todo grupo da viagem em Ottawa, Canadá – Ao fundo prédio dos ministérios



1999 - Cordilheira dos Andes, Argentina



1999 - Caminito, Buenos Aires, Argentina, com Teresinha e Magrim



1999 - Viña Del Mar, Chile, com Vadico, guia do grupo



2001 - Mosteiro dos Jerônimos, Lisboa, Portugal, com Teresinha e Magrim



2001 - Teatro Scala, Madri, Espanha



2009 – Copenhagen, Dinamarca



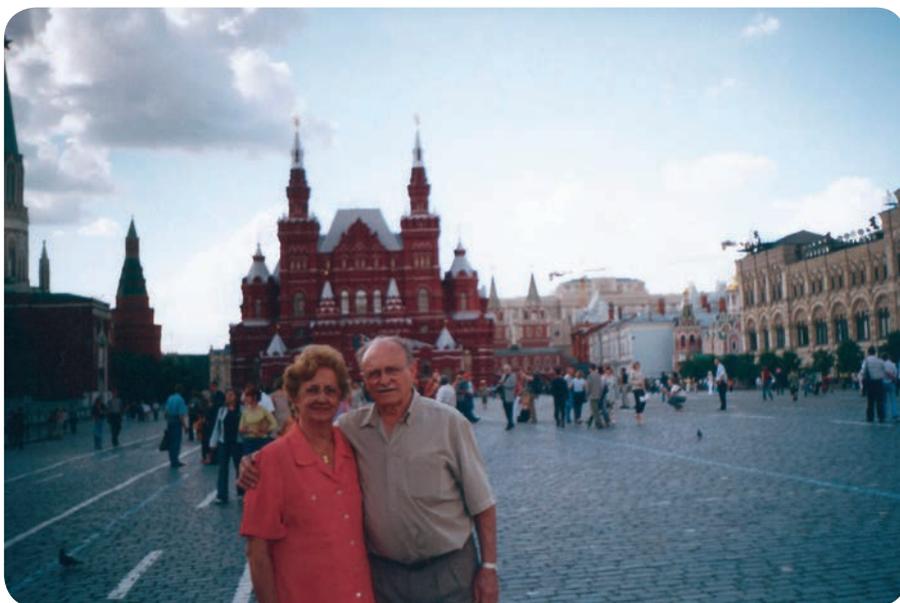
2009 – Bergen, Noruega, comendo bacalhau norueguês, preparado por um português



2009 – Estocolmo, Suécia. Ao fundo, torre da prefeitura.



2009 – Finlândia, em frente ao monumento de canos de ferro de 45 toneladas, em homenagem ao compositor Sibelius



2009 - Moscou, Rússia, Praça Vermelha



2010 - Pirâmide do Sol, México. Apenas a guia e eu subimos os 214 degraus, em pleno sol do meio-dia, até chegar no pino da pirâmide.



Um dos cruzeiros que fizemos



2016 – Nossa última viagem com destino aos Estados Unidos para visitar a neta Elisa e sua família

CAPÍTULO XIII

O AMANHÃ??? SIMPLESMENTE DEIXO ELE CHEGAR...

Penso sempre em um futuro melhor (risos). Até uma altura da vida trabalhei sem enxergar futuro algum. Depois começou a melhorar.

Meu sonho era sempre de crescer, desde que comecei trabalhar aos 16 anos na firma. Posso dizer que consegui e que minha melhor sensação é ter dado estudo aos filhos e ter deixado cada um livre para fazer sua própria escolha.

Sempre falo com o pessoal: me programei até os 101 anos e, depois, vou até São Pedro para renovar o contrato! (boas risadas)





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

amor e fé desse pai, avô, amigo e bom esposo. Acerca desse último ponto, ler a história da vida do Heitor é compreender que todo José tem uma alma gêmea chamada Maria. Por isso, o bom marido se dedica e se sacrifica por sua esposa. Ele não é egoísta. Ele procura, sempre, o bem da sua esposa e filhos. O bom marido cuida da esposa como Jesus cuida da Igreja (Efésio 5, 25).

Como sacerdote e amigo da família, posso afirmar que a maior virtude do Sr Heitor José Pandolfo está alicerçada na sua fé inquebrantável por Deus. O leitor se encantará com a história e o coração desse homem.

Pe. Rafael Batatinha de Castro



Não sou poeta, nem escritor. Sou apenas Heitor, um homem de origem muito simples que fez da determinação, fé e amor seus grandes alicerces.

Muito “plantei” ao longo desses noventa e três, quase noventa e quatro, anos e, em retribuição, a vida me presenteou com uma família que enche os meus dias de zelo e muito amor. Gratidão, sem fim, a cada um de vocês!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

